

A Mulher...

Nelson Jacintho

Deus descansou no seu sétimo dia de criação. Apesar de reservar esse dia para o seu descanso, quis aproveitá-lo para admirar tudo o que havia criado, com calma. Saiu cedo para ver o nascer do sol — que coisa maravilhosa estava vendo! Sentou-se debaixo de uma árvore, sobre uma pedra à beira de um regato, para observar a água correr mansa e preguiçosa sobre a rocha, formando pequenas ondulações, tais quais os cabelos soltos de uma formosa sereia mágica. A brisa da manhã vinha chegando calma e sorradeira para acariciar-lhe os cabelos e beijar as flores ribeirinhas.

A mata, ao longe, começava a acordar com o gorjeio suave dos pássaros madrugadores e os uivos de alguns animais selvagens. Saindo da mata, uma loba procurava defender o seu filhote de um leão faminto, com o risco da própria vida. Mais perto Dele uma ovelha recém-parida lambia, com muita ternura, o borrego que acabara de nascer e tentava manter-se de pé com as quatro patas que, para ele, pareciam estar em excesso. Deus estava tão distraído olhando a sua criação, que se assustou quando o anjo Gabriel sentou-se ao Seu lado, para Lhe fazer companhia:

— Bela criação, Senhor... Que mundo maravilhoso o Senhor criou...!

— Fiz o melhor que pude, disse-lhe o Senhor.

— Maravilhoso, mas incompleto, falta alguma coisa, continuou o anjo.



Disponível em: <http://tundonovo.blogspot.com/2009/07/mulheres.html>

— Nada falta, disse Deus... Olhe esse nascer do sol maravilhoso, a água límpida desse riacho, a várzea coberta de flores, sinta o perfume delas... Olhe a vida acordando na mata. Olhe com que coragem aquela loba defende o seu filhote. Veja ali a vida aparecendo no campo por meio daquela ovelha com o seu lindo borrego. Com que ternura ela cuida do seu recém-nascido! Você ainda me diz que está faltando alguma coisa...!?

— Acho que sim, disse o anjo.

— Não tenho mais nada para criar, todo o material que tinha em minha oficina divina foi gasto, não restou nada...

— O senhor não precisa de material para criar alguma coisa, basta usar a imaginação...

Deus entendeu o que o anjo queria dizer. Pensou por alguns instantes. Pegou a beleza do nascer do sol, a calma do riacho, os cabelos da sereia mágica, a beleza e o perfume das flores da várzea, a carícia da brisa que chegava, o cantar sublime dos pássaros da mata, a coragem e a bravura da loba que defendia o filhote, a ternura e a dedicação da ovelha, juntou tudo e fez... A mulher...

Nelson Jacintho

*Da Academia Ribeirão-Pretana de Letras e
 Coordenador do Grupo de Médicos Escritores
 e Amigos, Dr. Carlos Roberto Caliento*

Aprimoramento do Ensino Médico

presente ou ausente a História da Medicina?

Arary da Cruz Tiriba

A Enfermaria de Doenças Infecciosas e Parasitárias recebe estagiários — médicos recém-formados e estudantes dos últimos anos do curso — brasileiros, de Sul a Norte, assim como europeus. De aluna alemã registramos o empenho, o entusiasmo e, ao final, a gratidão ao despedir-se dos professores e dos colegas acadêmicos. Indagada se tivera aproveitamento, prontamente, afirmou que expandira sua visão por ter tido contato, aqui, com o leito, vivenciando experiência clínica, enquanto na universidade germânica o treinamento é concentrado no laboratório. Compreensível, sim, pois sua nação possui elevada qualidade de vida e os doentes devem requerer mais privacidade, ao passo que os nossos, do SUS, no hospital público, encaram sem restrição o atendimento que os alunos dos últimos anos curriculares e os residentes lhes proporcionam. Seria isso? Pelo menos, o que transparece, *se non è vero, è ben trovato*.

Ocorreu que, durante discussão sobre o paciente de tuberculose, deu para perceber o regozijo da futura médica ao ouvir sobre a história do seu compatriota, reconstituída com elegância pelo lusitano Fernando Namora. Tratou-se de Robert Koch (1843-1910), descobridor do *Mycobacterium tuberculosis*, autor dos “postulados de Koch”, produtor da tuberculina e descobridor, ademais, do vibrião colérico... O menino Koch achou entre os pertences paternos uma lupa. A descoberta, disputada entre os irmãos, levou-o a barganhá-la por sua coleção de selos. Passou, então, a estudar as formas exteriores e interiores de animaizinhos. Seu quarto foi transformado no refúgio indesejável para os parentes — cheirando a ratos, rãs e salamandras —, menos para a pequena Emy, horrorizada com os bichos, mas entusiasmada com as revelações. Quando no campo, deitada na relva, admirava com ternura o adolescente excêntrico e sonhador a recolher insetos. Até aí, Emy era fã incondicional!

Koch ingressou na Universidade de Göttingen, mas sua vocação para a pesquisa, mais forte na área das ciências natu-

rais, levou-o a abandonar o exercício clínico. Pretendia ajudar os necessitados de outra forma, indagando e resolvendo sobre causas de doenças e meios de prevenção.

Emy casou-se com o homem que amara desde a infância, mas os hábitos do marido — contumaz habitante do laboratório — levaram-na ao isolamento, ao esfriamento do matrimônio; não a fizera companheira, não realizara a felicidade com que sonhara! Romance extinto! Divórcio!

Passa-se a outro episódio. Pasteur e Koch foram convidados pelo governo do Egito para estudar e controlar a epidemia da cólera que dizimava os descendentes dos coptas. Pasteur desdenhava dos tudescos — tratava-os por “hunos” —, recusou. Para elucidar a questão, bastariam seus assistentes, Thuillier e Roux... Assim, os dois franceses e o alemão empenharam-se nas investigações. Os gauleses chegaram a anunciar o descobrimento do agente da cólera, o que não passava de artefato microscópico! Koch, imperturbável, identificara o vibrião virulento. A essa altura, Thuillier contraíra cólera, estava à morte. Koch foi visitá-lo. Thuillier, ainda consciente, balbuciando, interrogou-o.

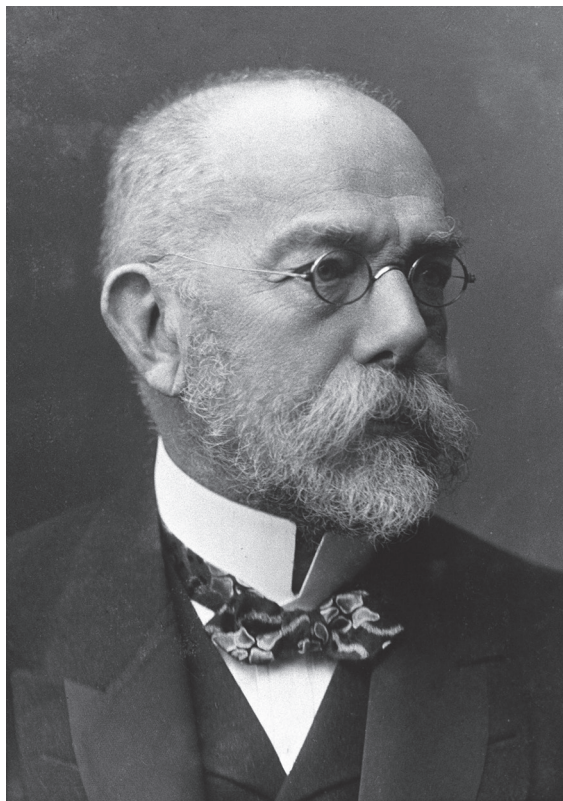
— Era?... o bacilo... da cólera?

Resposta de Koch.

— Sim, você o descobriu.

Koch depositou coroas sobre a sepultura... “*elas são muito simples, mas são de louros, como se dão aos bravos*”. Ciência acima das rivalidades entre pesquisadores!

Mais tarde, em pesquisas na Índia, extasiou-se pelo retrato, no cavalete, da rapariguinha fresca e loira, de olhos curiosos. A modelo, Hedwig Freiburg, em matéria viva, viria desfazer a solidão do valoroso combatente como sua segunda esposa. Quando adoeceu, pediu para que o levassem aonde houvesse o essencial: a floresta intocável, o céu imenso. Morreu dias depois na Floresta Negra. A Ordem dos Médicos de Berlim inscreve na *Medalha Robert Koch*: “Das pequenas coisas do Mundo crias, tu, a tua grandeza”.



Disponível em: <http://www.britannica.com/bsp/media-view/154415/1/0/0?>

Robert Koch

Cem anos depois, como reagiria, Koch, ao saber que o bacilo-álcool-ácido-resistente, responsável pela ressurgente tísica, é referido simplesmente como b.K. (bacilo de Koch) ou b.a.a.r. e, pior, pronunciado como bar! Bar?! Pela colateralidade ao álcool?!... Reduções?!... do Nobel 1905?! Qual! Dentro do seu minúsculo laboratório, ficaria deslumbrado com as conquistas da modernidade: métodos sofisticados de diagnóstico laboratorial, bioengenharia, variedades de microbactérias, disponibilidade de antimicrobianos, vigilância epidemiológica!...

Mas *cairia duro* — perplexo — diante do ressurgimento espetaculoso da peste branca, do abandono do tratamento, da resistência bacteriana e da comorbidade Aids-tuberculose.

Apesar do entusiasmo da alemãzinha, em recente avaliação sobre o Ensino Médico, nenhum curso obteve a nota máxima (*Estadão* 21/11, Notas & Informações). Não por carência de siglas e abreviaturas que o Ensino Médico deixa de atingir a excelência: DPOC (Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica); DST (Doença Sexualmente Transmissível); ICC (Insuficiência Cardíaca Congestiva); Pbmicose (*pêbêmicose*, como é falado) causada pelo fungo *Paracoccidioides brasiliensis*... Para avaliação de instituições de ensino, sejam públicas, privadas ou confessionais, listam-se: Inep (Instituto Nacional de Estudos e

Pesquisas Educacionais); Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes); IES (Instituição de Ensino Superior); CPC (Conceito Preliminar de Cursos); Sinaes (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior); Conaes (Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior); Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Arsenal!!! (Não... não se trata de sigla).

Conclusão

A universidade pública deve submeter-se à autocrítica periódica e desfazer o desequilíbrio do ensino de graduação com o de pós-graduação, valorizando, sobretudo, o professor que transmite a experiência. A busca da qualidade requer a presença do mestre que contata, dia a dia, com o aluno. Docente, simplesmente, é o aluno de idade mais avançada, em nada semelhante ao mito da Medicina tudesca, *Götter in Weiss*, deus em branco. De parte do aluno, participação! E fortalecimento, sempre, da Disciplina de História da Medicina.

Aray da Cruz Tiriba

Professor titular (aposentado, em atuação voluntária) da EPM/Unifesp e membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo

Homenagem a Florbela Espanca

György Miklós Böhm



Disponível em: <<http://viverpurmagia.blogspot.com/2011/04/ser-poeta-perdidamentc.html>>.

Dezembro lembra-me Florbela Espanca. Nasceu em 8 de dezembro de 1894 e resolveu partir para a eternidade também no dia 8 de dezembro, trinta e seis anos depois. Foi em dezembro de 1987 que Fernanda Fraga me presenteou com a coletânea de seus sonetos e fez-me amar esta poetisa portuguesa prene de amor insatisfeito que vazou em versos de sensibilidade sem paralela nas terras lusitanas. Dona Fernanda era portuguesa, e sua lembrança me traz muita saudade. Conheci-a como chefe do Laboratório de Histotecnologia do Departamento de Patologia da FMUSP, preparava lâminas como ninguém e permitia uma prosa de boa cultura, já rara naqueles tempos, na Casa de Arnaldo.

Sobre a obra da poetisa, que deveria ser lida e relida, nada tenho a dizer além deste soneto que escrevi em sua memória:

Rosários de palavras perfumadas,
Saudades plasmadas de terra, mar e ar,
Conflitos e gritos para pensar e amar,
Engramas e entranhas misturadas.

Boca, não, mil bocas jamais beijadas!
Tantas e tantas mãos, ninguém a abraçar,
Indecisas se devem agarrar ou largar.
Carícias perfeitas, sempre inacabadas...

Prenhe de sensibilidade, beleza,
Reflexão, consciência e incerteza,
Fonte de poesia, Florbela Espanca.

Fantasma de imaginação acesa,
Intocável cálice de paixão presa,
Amor sem fim que o Amor espanta!

György Miklós Böhm
Professor Emérito da FMUSP

Glória e desalentos...

Diplomas, velhos álbuns ressequidos,
medalhas de vitórias conquistadas,
repousam, todos eles, esquecidos,
no fundo de gavetas desgastadas.

A certo tempo, foram merecidos...
Hoje, lembram honras já passadas;
prazeres tão fugazes, tempos idos,
do vate, com histórias já cansadas.

Que lhe adiantam os louros de vitórias,
ao longo da existência, triunfantes,
na apoteose de horas bem distantes...

Contam-se as lutas e se contam glórias,
evocativas de passadas eras,
tantos lauréis, no fosso das quimeras!

Poesia

Poesia é amor, ideia, é sentimento
de quem procura, acaso, o devaneio.
É força que arrebatava, num momento,
do inerte coração, frustrado anseio.

Poesia é luz, é som, é filigrana,
produto dos espaços siderais!
É arte que se inspira, soberana,
na substância dos amores sensuais!

É a gota que trasborda os oceanos,
orvalho que umedece os corações,
no extravasar de tantas emoções.

É bálsamo que cura os desenganos,
é vida que palpita, é fantasia,
é o mundo resumido: tudo é poesia!

Felicidade

Serei feliz quando feliz tu fores,
puder rever o teu sorriso branco
e ver florir o meu jardim de flores,
puder amar o nosso amor tão franco!

Serei feliz quando sentir teu vulto,
olhar teus olhos, ao findar o pranto,
rever histórias d'um passado adulto,
mesclar o tempo com prazer e encanto.

Serei feliz no inesperado encontro,
ouvir tua voz e admirar teu rosto,
viver o amor no mais antigo gosto.

Serei feliz e me suponho pronto,
na mansidão de tua bondosa alma,
achar na vida a merecida calma!

Alfarrábios

Deixei de lado os alfarrábios todos
e me entreguei ao luminar da mente.
Sem condenar, quis me livrar de engodos
e versejar o belo, simplesmente.

Vou me ligar aos gênios da palavra,
versos compor em rica tessitura;
da inspiração, viver a minha lavra,
na excelência da literatura.

Esta vontade impele-me ao desejo,
de ser fiel ao lema dos poetas
e honrar seu meio, onde feliz vicejo.

Busco encontrar, enfim, a perfeição;
já me desfiz de mil falsos profetas
e agora, vou cuidar desta paixão!

“Nós que nos amávamos tanto”

(filme dos anos 1970)

José Hugo de Lins Pessoa

Dizem que o passado, bom ou mau, alegre ou triste, não merece ser revisitado. Existe sempre uma melancolia pronta a nos agredir. Ontem, no meio da tarde, o telefone tocou e uma voz feminina disse: “estou em São Paulo”. Não se identificou, porque tinha certeza que, mesmo 30 anos depois, eu reconheceria a sua voz. Ana Paula estava em São Paulo! Alguns minutos depois e já estávamos sentados em uma mesa do Fran’s Café.

Ana Paula é uma dessas pessoas que tem o dom de cativar com um simples olhar. Mesmo considerando as inevitáveis modificações impostas ao ser humano pela idade, notei que ela continua uma mulher bonita. Quando fala, parece sentir cada palavra que pronuncia. Para ela, a palavra é sentimento, muito mais do que a simples expressão de uma ideia. Ela é capaz de encontrar a palavra essencial, aquela que harmoniza o tempo e o espírito, a verdade e a mentira, a alegria e a dor. Um dia ela me sussurrou uma frase com três palavras que nunca vou esquecer. Frase que homem nenhum esqueceria.

Conversamos por mais de duas horas tudo que é possível recordar, desde os amigos contemporâneos da nossa epopeia, alguns já falecidos, às nossas músicas, às alegrias, aos sonhos e aos desencontros da vida. Havia muita saudade para falar, toda uma vida que não foi e que poderia ter sido. Compreendi a origem do sentimento incerto, difuso e desconfortável que me acompanhou durante as últimas décadas. Senti uma súbita vontade de viver de novo, de recuperar o irrecuperável: o tempo já vivido. Não podemos fugir ao destino, cada um de nós carrega a memória de uma vida que já passou. É disso que somos feitos, de fragmentos do passado.

Ela explicou que criou uma conexão em São Paulo só para encontrar comigo. Suspeitei de que algo mais sério, como uma doença grave, tivesse motivado esse encontro inesperado e extemporâneo. Não, ela não estava doente. Não tinha problemas sérios em sua vida e não tinha confidências para repartir. Não sabia dizer com certeza o motivo da súbita decisão em me procurar. E, mudando de assunto, disse: tenho fotos.

As fotografias, um álbum na verdade, reavivaram lembranças, alegres umas, tristes outras. Estávamos flagrados em

vários momentos: em uma ruidosa festa de aniversário, em uma mesa de bar e nos jardins de uma casa residencial. A última foto, tirada no aeroporto de Congonhas, mostra uma Ana Paula jovem, exuberante em um vestido vermelho, com uma lágrima na face. Esse foi um momento de grande emoção.

Levei-a ao aeroporto. No momento em que ela desapareceu no portão de embarque, desta vez sem lágrimas, percebi que esse encontro tinha sido adiado por décadas. Não foi um encontro inesperado, era preciso, de forma ainda que tardia, escrever o epílogo, o ponto final da história de um grande amor. “Nós que nos amávamos tanto.”



Disponível em: <http://filmesraphael.blogspot.com/2011/01/ceravamo-tanto-amati-italia-comedia.html>

José Hugo de Lins Pessoa
Médico Pediatra

Caderno de anotações

Sobre homens e lobos

José Carlos Barbuio

Os lobos *traçam* seus caminhos. Mantêm na família e na alcateia uma tácita *moralidade*, dotada de sanções ao indivíduo que a subverte. Expressam uma *percepção objetiva*, isto é, discernem segundo a *carência* que impulsionam seus desejos animais. Em síntese, lobos são animais por uma razão de se limitarem a ser *mecanicamente* inteligentes.

Na medíocre linearidade da *vida mecânica*, a cada investida da sociedade tecnológica é progressiva a *supressão* dos valores *humanos* em favor da sociedade *mercadológica*. *O que tende a igualar lobos e homens.*

Entre os **homens-lobos**, acontece uma vida *similar* à dos lobos. O *homem-lobo* vai se construindo como um novo tipo de *padrão* humano, e é desconsiderado tudo o que, de algum modo, procure extravasar dessa *matriz*.

Quem é o lobo para os lobos? *Quem* é o homem-lobo para os homens-lobos? Acontece que os lobos jamais fizeram essa indagação, pelo simples fato de que *não percebem* nada que esteja *fora* de seu universo, de suas *mecânicas* do dia a dia. O lobo *não se volta para si mesmo* (*não refletem*). Ele só se processa nos limites de sua experiência. Estão *vedados* a escapar de sua *ordem funcional*. *Lobos não especulam*, e homens-lobos só especulam nas bolsas de valores.

Quem é o homem para o homem-lobo? Assim como o lobo, o *homem-lobo não sabe de si*. Com o tempo, nos átimos de segundo em que pensa em ir em direção à libertação, *tem medo*, ele *não quer saber de si*. Esquece de viver, de conviver e de raciocinar. *Ao final de suas experiências mecânicas*, o *homem-lobo consegue enxergar-se como enxerga o objeto-árvore e, próximo dela, estacionado, o objeto-automóvel* (ele quer saber de si enquanto possuidor de coisas). O homem-lobo se define como *objeto-homem*. E, nessa instância na qual se insere e se aprisiona, o *homem-lobo* jamais será *sujeito* (*sente* que sair da prisão significa *incomodar-se à toa, expor-se sem lucro*, visitar o *nada* de uma vida-sem-compra-nem-venda, arriscar-se à condição de simples objeto). Encerrado nessa condição, resta a conclusão de que o homem

é *atualmente* somente um *homem-lobo*. Ele não é capaz de *observar-se* nas lidas cotidianas, cuja exigência é do homem, gradativamente mais *produtivo* para o sistema *mercadológico* que o atraí mais e mais com seu magnetismo publicitário.

O que diferencia o *homem* do homem-lobo não parece ser tão somente a *cultura*, mesmo porque esse termo é impreciso. Só há um meio de fazê-lo: ir *além* dessa *mecanicidade*. Quando se diz, por exemplo, que o indivíduo *voltou-se para si mesmo*, o que isso significa?

Quem *se volta para si mesmo* procura **re-ver** o que esteve fazendo e *se perguntar* a razão **de toda sua vida**. Quando eu me volto para mim mesmo, não me encontro mais nesse *processo* que me envolve e me faz agir de acordo com o hábito, de acordo com o reflexo condicionado.

Voltando-me para mim mesmo é uma ação que descortina algo diferente da situação quando *eu me engajo*. Eu me retiro do *personagem repetitivo* e passo a *pensar, passo a refletir* acerca do meu ser.

Além do *raciocinar*, mobilizando juízos mecânicos, está o *pensar* que sempre se manifesta *fora* dessa mecanicidade, capaz de *definir o próprio homem*. O *homem é o único animal apto a pensar, a refletir a respeito dos processos mecânicos de nossa vida*. E assim agindo deixamos de ser *animais e homens-lobos* para sermos *Homens*. *Homens com existência livre, sem os empecilhos de uma sociedade tecnológica e, principalmente, mercadológica, onde só nos reconhecemos comprando e vendendo.*

José Carlos Barbuio
Advogado e escritor

Analogias em Medicina (n. 30)

Filigrana na vesícula biliar. Filigrana é obra de ourivesaria que consiste na combinação de delicados e finíssimos fios de ouro ou prata aplicados sobre placas metálicas, desenhando motivos circulares, espiralados ou em SS. Por vezes, estas peças de ourivesaria são complementadas com a decoração de pedras e esmaltes policromos, ou ainda com a aplicação de minúsculas esferas de ouro. A origem desta arte milenar não está bem determinada, sabendo-se apenas que sua prática era conhecida dos chineses e indianos, bem como pelas civilizações greco-romanas e da bacia do Mediterrâneo. Os árabes imprimiram notável vitalidade a esta forma artística de ourivesaria, concebendo, a partir da extrema maleabilidade e delicadeza dos filamentos, obras de arte de grande valor.

Uma das alterações mais comuns da vesícula biliar é a colestolose, que se caracteriza pelo acúmulo de lípidos, principalmente ésteres de colesterol, em macrófagos subepiteliais. Sua causa é desconhecida, mas parece haver um desequilíbrio local do metabolismo, gerando bile supersaturada de colesterol. É encontrada em 10% a 20% das colecistectomias, principalmente em mulheres múltiparas, na 5ª e 6ª décadas, ocorrendo melhora clínica após o tratamento cirúrgico. Essa observação sugere tratar-se de uma entidade que produz manifestações clínicas, mesmo na ausência de coledolitíase. Outros especialistas têm opinião contrária, argumentando que a simples presença de macrófagos alterados apenas na mucosa seria inócua.

O aspecto a olho nu é característico: a mucosa vesicular apresenta numerosos pontos, estrias ou rendilhado de listras amarelo-ouro, levemente elevadas e entremeadas por um fundo vermelho-esverdeado da mucosa. Esse quadro macroscópico foi comparado a **filigrana dourada** (ingl. *golden filigree cholesterolosis*). Microscopicamente, observa-se hiperplasia epitelial e vários agregados de macrófagos xantomatosos, contendo material lipídico, ocupando a lâmina própria das pregas da mucosa, o que explica a cor amarela da lesão. (Baseado, em parte, em SILVERBERG, S. G. *Surg Path and Cytopath*. Churchill Livingstone, 3ª Ed., 1997, e PENA, G. P.; ANDRADE-FILHO, J. S. Analogies in medicine: valuable for learning, reasoning, remembering and naming. *Adv in Health Sci Educ Theory Pract*. 2010 Oct.; 15(4):609-19. Epub 2008 June 5).

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador); Nílceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.